

O FOSSO SEISCENTISTA DA CIDADE DE ELVAS

PROPOSTA DE REABILITAÇÃO



Verónica Isabel Percheiro Vidinha Mira

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO EM RECUPERAÇÃO DO PATRIMÓNIO
ARQUITECTÓNICO E PAISAGÍSTICO

UNIVERSIDADE DE ÉVORA

MAIO DE 1999

O FOSSO SEISCENTISTA DA CIDADE DE ELVAS

PROPOSTA DE REABILITAÇÃO



Verónica Isabel Percheiro Vidinha Mira



108 0 16

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO EM RECUPERAÇÃO DO PATRIMÓNIO
ARQUITECTÓNICO E PAISAGÍSTICO

UNIVERSIDADE DE ÉVORA

MAIO DE 1999

ERRATA

Pág. 29 - o texto fica sem efeito;
- a figura pertence à pág. 31 .

Pág. 84 - a figura está invertida.

Agradecimentos

Uma vez que este trabalho só foi possível mediante os estímulos e ajudas que ao longo do tempo fui recebendo não posso deixar de agradecer especialmente:

Ao Sr. Vereador Vilar Pires

Ao Sr. Arq^o Richau

À S^a Arq^a Maria José

Ao Sr. Mário Mirante

Ao Sargento Ajudante Paulo Almeida

Ao Coronel Dantas

Ao Dr. Morgado

Ao Ten-Coronel Vilas Leitão

Ao Sr. Beijocas

Ao Prof. Ribeiro Telles, meu orientador, pelo apoio e carinho com que sempre me recebeu, contribuindo com as suas sugestões para o rigor do trabalho.

E, por último, à minha família, meu marido, meus filhos e em especial ao meu pai sem o qual não teria conseguido chegar até aqui.

Obrigado a todos

Introdução

No âmbito da Dissertação de Mestrado em Recuperação do Património Arquitectónico e Paisagístico a escolha do tema “O Fosso das Fortificações Seiscentistas da Cidade de Elvas, Proposta de Reabilitação” deveu-se essencialmente ao facto de não existir nenhuma publicação sobre esta temática e por se tratar simultaneamente de um elemento que marca historicamente esta Cidade e que urge valorizar. Além disso, este espaço nunca foi abordado como elemento paisagístico a preservar, factor que pesou significativamente na escolha efectuada.

Como este sítio apresenta grandes sinais de degradação e abandono, o desenvolvimento deste estudo tem como objectivo principal a recuperação, conservação e valorização de um património importantíssimo da cidade de Elvas.

Utilizando métodos de detecção remota e visitas ao local, efectuou-se uma análise sumária ao estado de conservação do mesmo, tendo sido esta pesquisa antecedida de uma recolha bibliográfica com a finalidade de obter um conhecimento, tão aprofundado quanto possível, do objecto em que pretendemos intervir. Foi, igualmente, efectuado um levantamento fotográfico actual para documentar os elementos já recolhidos, quer “in situ” quer bibliográficos. Isto porque, quanto mais aprofundado for o conhecimento dessa realidade, mais habilitados estaremos, sem dúvida, para podermos contribuir para a sua recuperação e valorização. Por conseguinte, ao incidir este estudo no Fosso das Fortificações Seiscentistas, o objectivo prioritário consistiu em conhecer de modo mais rigoroso a génese das cercas que lhe deram origem para, assim, melhor se preservar a globalidade do espaço por elas constituído.

Por último, com base nestes aspectos e no valor intrínseco que esta zona encerra propõem-se algumas medidas de recuperação e valorização, assentes numa metodologia que pensamos ser coerente e global, de reabilitação e requalificação deste sítio, até agora, infelizmente, inexistente.

1. Caracterização histórica

1.1. Génese do Fosso Seiscentista

No que se refere à fundação da Cidade de Elvas, não existe por parte dos historiadores acordo sobre a mesma. A verdade é que “sucessivamente, celtas, romanos, visigodos, mouros e, por fim, com a chamada reconquista, todos sob a bandeira portuguesa construíram e habitaram Elvas.”¹

A Cidade de Elvas, também conhecida como a mais importante “Praça de Guerra” a Sul do país, apresenta uma localização fronteiriça e, como tal privilegiada. Situada numa linha geográfica que faz a ligação natural das duas



Fig. 1 – Vista da cidade de Elvas

capitais ibéricas, esta Cidade de grande importância estratégica no passado, não é, hoje, mais que uma “Terra de passagem”, apesar da grande riqueza patrimonial que possui.

Elvas ficou, ao longo dos séculos, enriquecida por um notável conjunto arquitectónico e militar. Construções, ainda hoje, quase intactas, tendo a

1. Maria do Céu Dentinho, Monografia de Elvas, pág.39

majestosa fortificação que a rodeia sido considerada a primeira entre as fortalezas portuguesas.

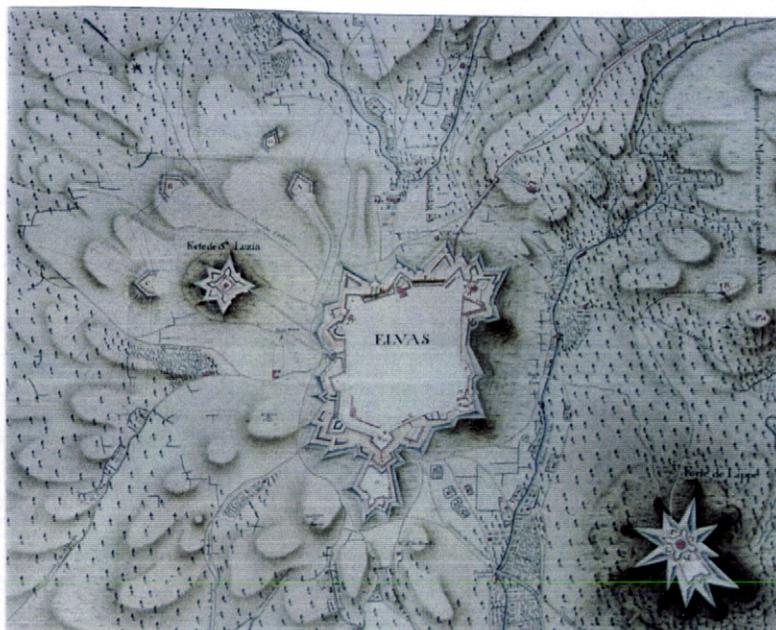


Fig. 2 – Planta da Praça de Elvas. 1803 Fonte: Arquivo Histórico Militar

“A parte mais alta da cidade, conhecida por bairro do Castelo e onde de facto se ergue este vetusto monumento, está assente numa elevada escarpa, denominada Costa de Vila Fria, que defronta a Serra da Graça.”²

2. Domingos Lavadinho, O Forte da Graça, pág. 10



Fig. 3 – Vista cidade de Elvas - o Castelo

O Castelo, de construção medieval nem sempre apresentou o aspecto que actualmente possui. Deste modo, numa análise mais remota, constatamos que há mais de 30 séculos, naquele mesmo local existia um castro muito rudimentar: “Era um pequeno perímetro amuralhado que protegia rudes habitações dos primitivos íncolas e seus servos, englobando os currais para o gado.”³

Estes povos de rudimentaríssima mentalidade, agrupavam-se, com a família e o gado, no alto dos montes em perpétua defesa.

Por outro lado os Cartagineses, depois de terem conquistado e ocupado o Algarve, comandados pelo General Maharbal, subiram, no ano de 277 a.C., o rio Guadiana, na altura designado por Anas, até Elvas. Aqui foram encontrar já uma grande Citânia, poderosamente fortificada que transformaram de acordo com a sua técnica. “A fortaleza cartaginea constava de uma acrópole cercada por uma muralha torreada e de uma segunda cerca envolvendo a povoação”.⁴

Segundo A. Morgado,⁵ mais tarde, no ano de 198 a.C., os romanos

3. Amílcar Morgado, Elvas, Praça de Guerra, pág. 11

4. General João de Almeida, Roteiro dos Monumentos Militares Portugueses, pág. 101

5. Ob. Cit., pág. 11 e 12

reedificaram-na erguendo neste local uma pequena fortaleza relativamente bem aparelhada – uma cidadela . Esta, prolongava-se por um sistema de pontos de apoio, constituído por torres ligadas entre si por muralhas, das quais existem alguns vestígios.

Elvas, não perdeu, assim, a importância que adquiriu no tempo dos cartagineses, pelo contrário, tudo leva a crer que foi um importante centro político e uma forte base militar. Um dos seus governadores romanos tinha o nome de Marco Hélvio, razão pela qual se supõe que o nome da Cidade tenha derivado dessa altura.

Posteriormente sob o domínio dos Bárbaros, em 413 e dos Visigodos em 580, Elvas entraria em declínio. De acordo com o Gen. J. Almeida⁶ só mais tarde com a sua tomada pelos Mouros, em 716, readquiriu, em parte, a sua anterior grandeza e prosperidade. Foi, assim, sob o domínio dos árabes que este pequeno povoado sofreu profundas transformações. As fortificações romanas foram melhoradas e, construíram duas linhas de muralhas, devido ao grande crescimento da urbe, conservando-se, ainda, algumas torres e cubelos, assim como, alguns restos de muralha que ajudam a conhecer melhor os seus traçados originais. Quanto ao Castelo, afirma Morgado,⁷ conferiram-lhe proporções e robustez tais que o transformaram no ponto nevrálgico de toda a fortificação.

Aliás, se fizermos uma visita pela Cidade, facilmente constatamos que as ruas estreitas e o processo construtivo das suas habitações conservam, ainda hoje, características árabes.

Em 1166 Elvas foi conquistada, pela primeira vez, aos Mouros por D. Afonso Henriques. Esta, contudo, tornou a cair no poder dos Mouros e só em 1200 foi reconquistada, agora por D. Sancho I. Com as constantes guerras

6. Ob. Ob. cit., págs., 103

7. Ob. cit., págs 12 e 13

ficou muito arruinada tendo D. Sancho II, em 1226, mandado reedificar o Castelo e acrescentar-lhe uma torre de menagem e , ainda, construir uma forte cerca de muralhas, a rodear a povoação, “levantada possivelmente nas ruínas da cerca romana, e concedeu-lhe foral em 1229, com todos os privilégios e regalias do de Évora.”⁸

Mais tarde,” D. Diniz aperfeiçoou a fortificação de Elvas, fazendo-lhe grandes restaurações.”⁹

Segundo Lavadinho,¹⁰ D. Afonso IV, devido a guerras de fronteiras com a vizinha Espanha e à ameaça de uma nova invasão da Península pelos sarracenos, mandou, durante o seu reinado, restaurar as fortificações medievais. “Sendo de crer que, em virtude da povoação ter aumentado muito entre muros, iniciasse a construção de uma terceira cerca de muralhas, concluída já no reinado de D. Fernando, que a teria robustecido com outras obras de fortificação em 1369”.¹¹ Esta cerca, conhecida como Cerca Fernandina, tinha 22 torres e 11 portas que eram as seguintes: “dos Banhos, junto à ermida de São Lázaro, ao lado da Fonte da Prata; de Badajoz; dos Mártires, talvez nas proximidades da actual igreja de São Domingos; de Olivença, também chamada Porta Real, por ser aquela por onde faziam entrada as pessoas reais; de Évora, onde está hoje o hospital militar; de São Pedro, aos noutro tempo chamados de Fornos de El Rei; de São Francisco, ao fim da Rua do mesmo nome, onde está a actual poterna; dos Enforcados, hoje de Esquina; de São Martinho, de Trempe e do Hospital.”¹²

No reinado de D. João II foram efectuadas obras no Castelo, em 1488.

D. Manuel I, preocupado com a defesa do país, mandou Duarte

7. Gen. João Almeida, ob. cit., págs., 105 e 106

8. Ob. cit., pág. 43

10. Ibidem, págs., 43 e 44

11. Gen. João Almeida, ob. cit., pág. 106

12. Domingos Lavadinho, ob. cit., pág. 44

Darmas, em 1509, desenhar todas as fortificações portuguesas (castelos e muralhas) ao longo da fronteira luso-espanhola, para saber o estado em que elas se encontravam. Não se encontrando as fortificações de Elvas em muito bom estado, mandou, em 1511, repará-las.

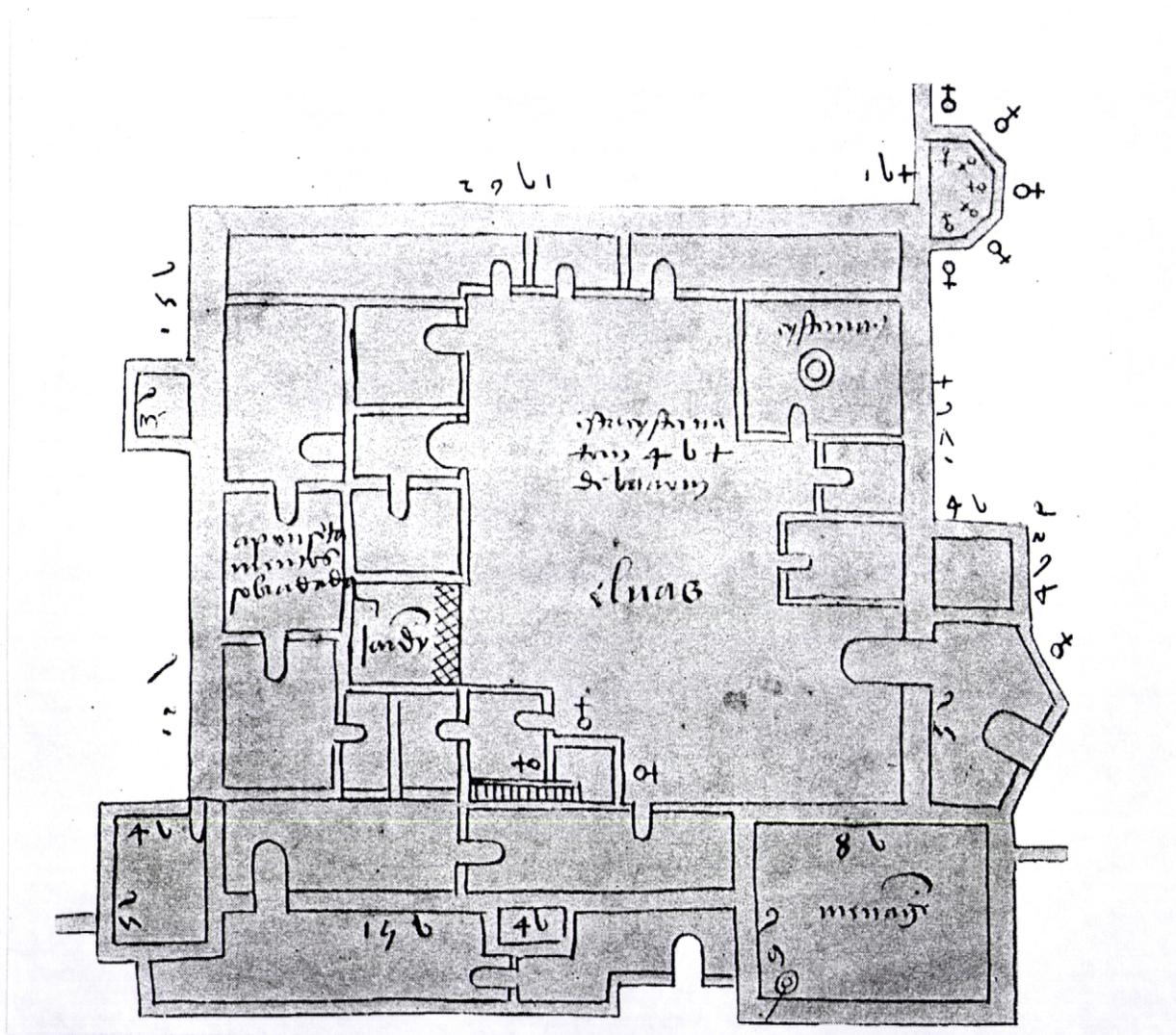


Fig. 4 – Planta do Castelo

Desenho de Duarte Darmas

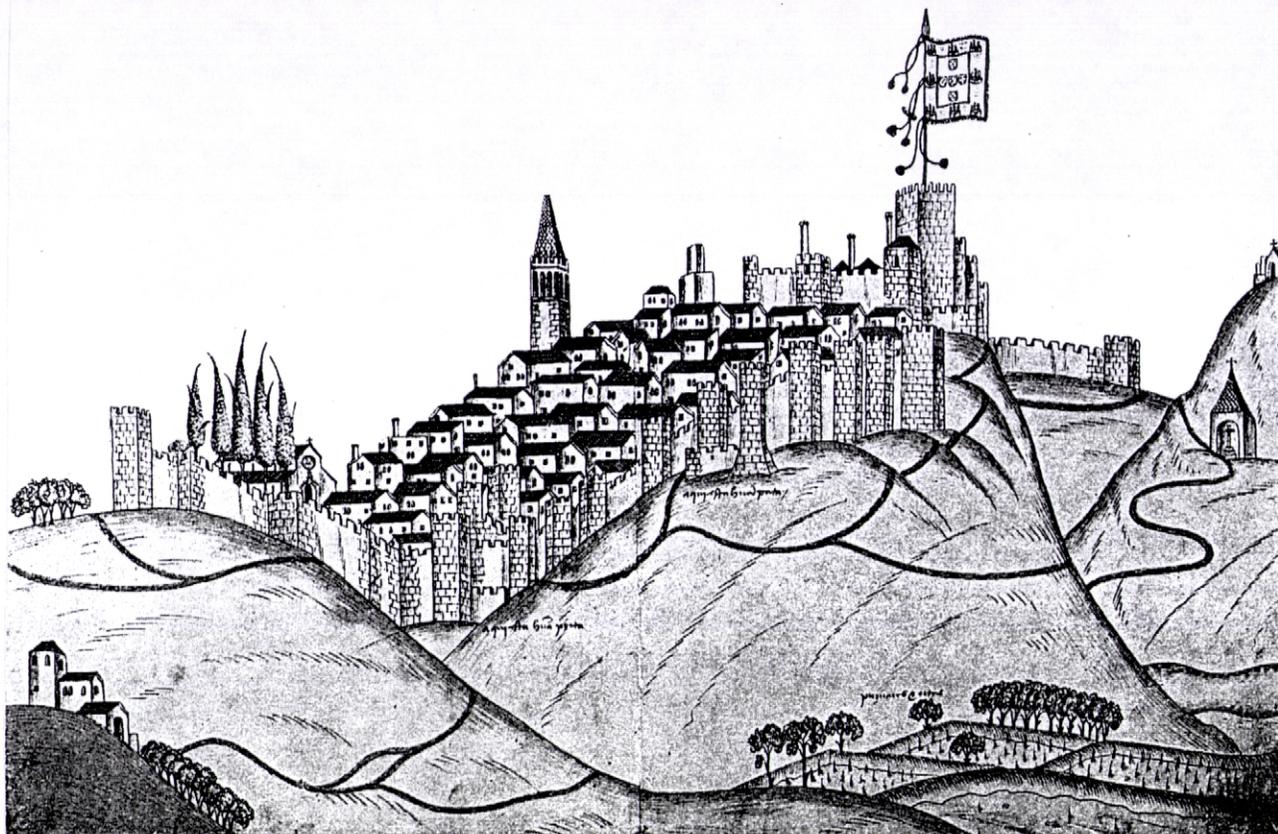


Fig. 5 – Vista da cidade de Elvas da banda Norte

Desenho de Duarte Darmas

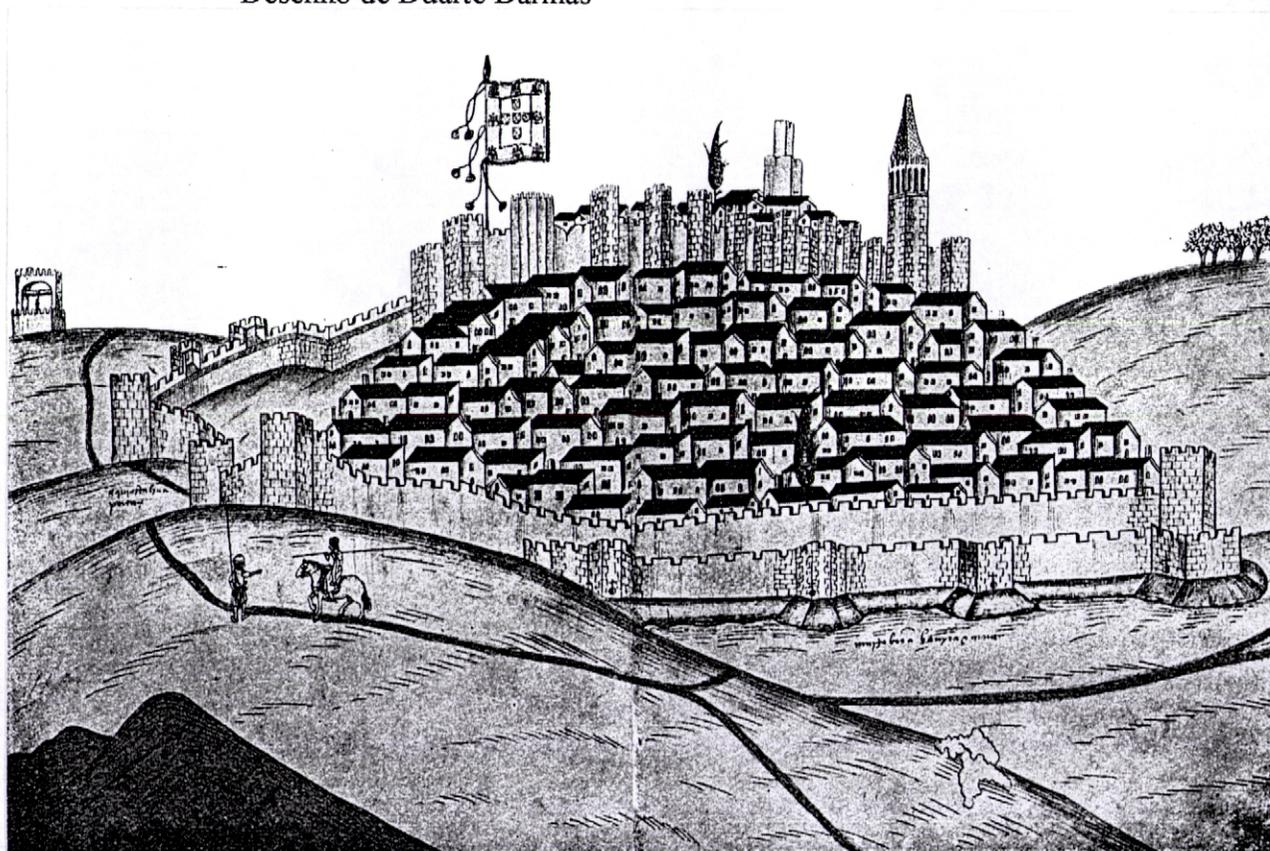


Fig. 6 – Vista da cidade de Elvas tirada da banda Sul

Desenho de Duarte Darmas

Em 1580, a Câmara de Elvas, apercebendo-se que as fortificações apresentavam alguns problemas mandou repará-las.

Entre 1580 e 1640, Portugal esteve sob o domínio do Reino de Castela, tendo as fortificações de Elvas, assim como todas as outras do país, sido completamente descuradas, uma vez que os castelhanos não tinham interesse nenhum em manter as fortificações portuguesas em bom estado de conservação. Durante as guerras da Restauração, em 1640, as fortificações ficaram ainda mais danificadas. Nessa altura, era governador da Fortaleza Matias de Albuquerque que efectuou algumas obras nas mesmas.

Após a aclamação de D. João IV apresentou-se como uma necessidade imediata uma política de construção de fortificações nos pontos mais sensíveis da fronteira. Contudo, com o aparecimento da artilharia de grosso calibre, a partir do séc. XVI, o tipo de fortificações medievais, caracterizadas por muralhas altas, ritmadas por torreões a delimitar o Castelo, deixaram de ter qualquer interesse. Punha-se, contudo, o problema de não existirem em Portugal peritos no que concerne à arquitectura militar moderna, pelo que surgindo, no país, em 1641, um padre jesuíta e matemático chamado Sciermans, mais tarde conhecido por Cosmander, depressa conseguiu entusiasmar o Rei para a matemática em geral e para a arte de fortificar em particular. Nesta sequência, foi convidado pelo Rei para inspeccionar as fortificações e, “Por alvará de 22 de Dezembro de 1642 recebeu mandato e autoridade de D. João IV para fortificar as primeiras praças do país”.¹³ Cosmander, apresentou-se, assim, em Elvas, no princípio do ano de 1643, acompanhado do tenente-general Rui Correia Lucas e do engenheiro francês Nicolau de Langres dando-se início à nova fortificação, segundo o sistema abaluartado, caracterizado por fortalezas de muros baixos e espessos com merlões e canhoiros, completamente adaptadas à defesa contra

13. Domingos Lavadinho, ob. cit. , pág. 53

armas de fogo já desenvolvidas. Poder-se-á mesmo dizer que a Fortaleza de Elvas seguiu o estilo Vauban, conforme contactamos ao compararmos duas plantas da Praça de Elvas, uma de 1667 e outra de 1710, com uma planta da Praça de Belfort de 1684, onde foi utilizado o 2º método de Vauban.¹⁴ O Marquês de Vauban (1633 – 1707), foi um “Fortificador da Escola Francesa do Séc. XVII que elevou à perfeição os conhecimentos de fortificação.”¹⁵ Entre outros aspectos “preconiza a construção de raiz e definitiva de cavaleiros e trincheiras interiores sobre o baluarte e o uso de revelins e tenalhas no fosso (...), introduz duas linhas de defesa: a exterior (...) e a interior (...). Surgem também as poternas e as capoeiras”¹⁶.

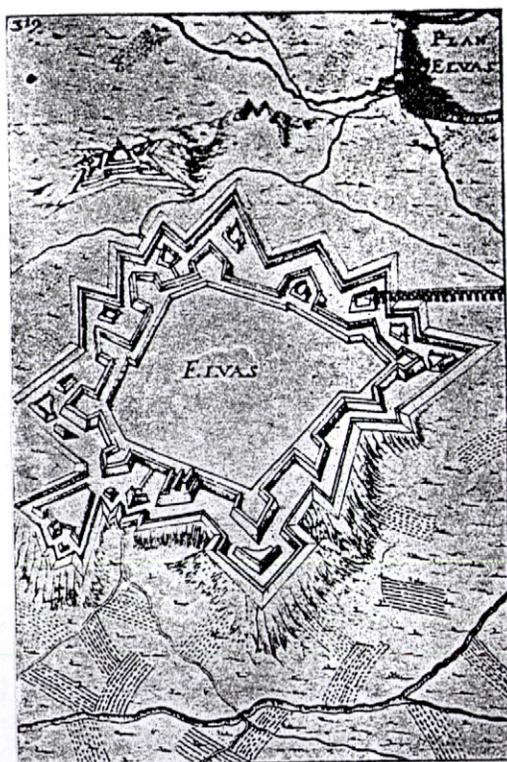


Fig. 7 – Planta da Praça de Elvas. 1667

Fonte: Arquivo Histórico Militar

14. Direcção do Serviço Histórico Militar, Dicionário Temático de Arquitectura Militar e Arte de Fortificar, pág. 209

15. Ibidem, pág. 207

16. Ibidem, pág. 208



Fig. 8 – Planta da Praça de Elvas. 1710

Fonte: Arquivo Histórico Militar

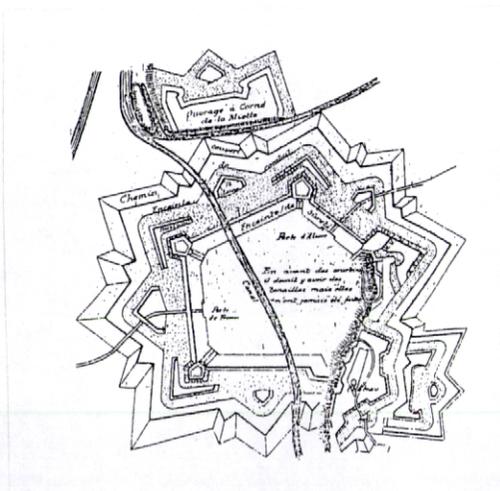


Fig. 9 – Planta da Praça de Belfort. 1684

Fonte: Dicionário Temático de Arquitectura Militar e Arte de Fortificar

Este novo sistema de fortificações estava ligado às formas de guerra praticadas nos séculos XVII e XVIII, em que os aspectos essenciais eram o ataque e a defesa das Praças, a tática linear e a guerra de posição.

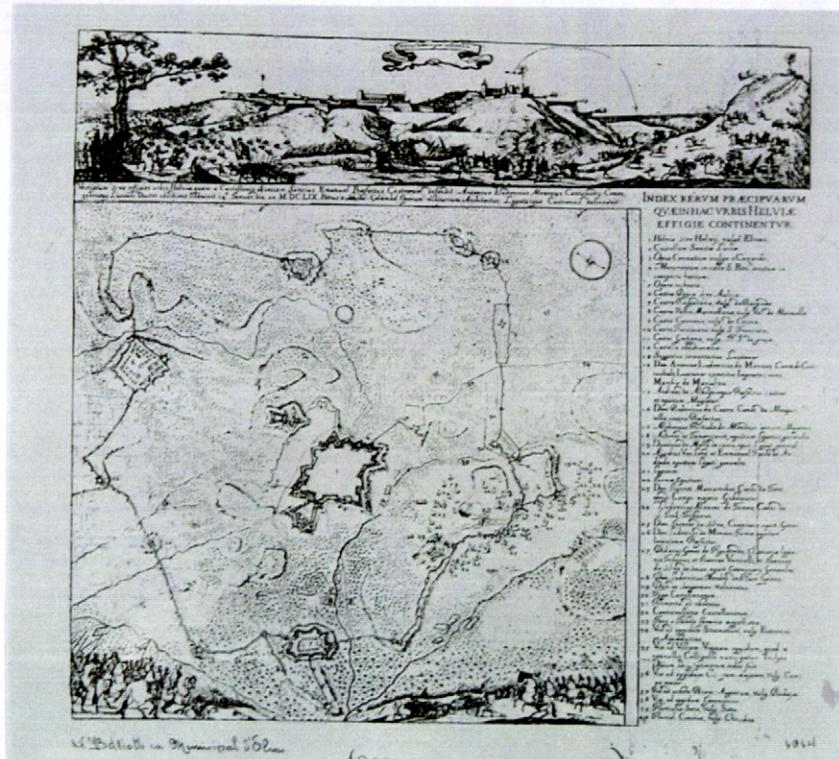


Fig. 10 – Vista da cidade de Elvas. Ataque dos castelhanos à Praça. 1659

“As novas fortificações, por resolução de Cosmader e do tenente-general Correia Lucas ficaram sobrepostas às de D. Fernando, evitando-se assim alargá-las numa área de demasiada extensão, porque quanto maior fosse o polígono, mais demorada e dispendiosa seria a obra e maior guarnição exigiria. Então, desapareceram uma parte dos edificios dos arrabaldes e até mesmo um troço do aqueduto da Amoreira.”¹⁷ Aqueduto que lhe trouxe bastantes problemas. Inicialmente, Cosmader pensou em destruí-lo por constituir um obstáculo à construção das novas fortificações. “Outros, no entanto, achavam mais prudente não o fazer, pois tal constituiria uma afronta ao sacrificado povo de Elvas num momento em que tanto se iria exigir dele

17. Domingos Lavadinho, ob. cit., pág. 53

face às guerras que se avizinhavam. E, para o salvar, defendiam a necessidade de construir um grande reservatório que permitisse recolher a água do aqueduto em abundância suficiente para permitir o abastecimento da população em caso de sítio.”¹⁸ Os engenheiros militares, contudo, convencendo o rei, D. João IV, este pronunciou-se pelo derrube. “Foi o Conde de S. Lourenço, governador da praça e natural de Elvas, a quem doía tanto a resolução tomada como ao resto da população, que resolveu fazer uma representação a Sua Majestade para o convencer da terrível injustiça que significaria para os elvenses o cumprimento de tal medida.”¹⁹ Enquanto esperavam a resposta do Rei, o Conde de S. Lourenço ordenou a construção de um grande depósito para receber as águas do Aqueduto da Amoreira. Tendo o monarca dado uma resposta favorável, resolveram-se as dificuldades construtivas “com a construção de um cano subterrâneo, através do fosso, ligando o aqueduto à cisterna.”²⁰



18. Amílcar Morgado, O Aqueduto e a água em Elvas – Fontes antigas, pág. 12

19. Idem

20. Ibidem, pág. 13



Fig. 12 – Vista do aqueduto do Rossio do Calvário. Interrupção junto à muralha



Fig. 13 – Vista do aqueduto do interior do Fosso. Interrupção junto à muralha

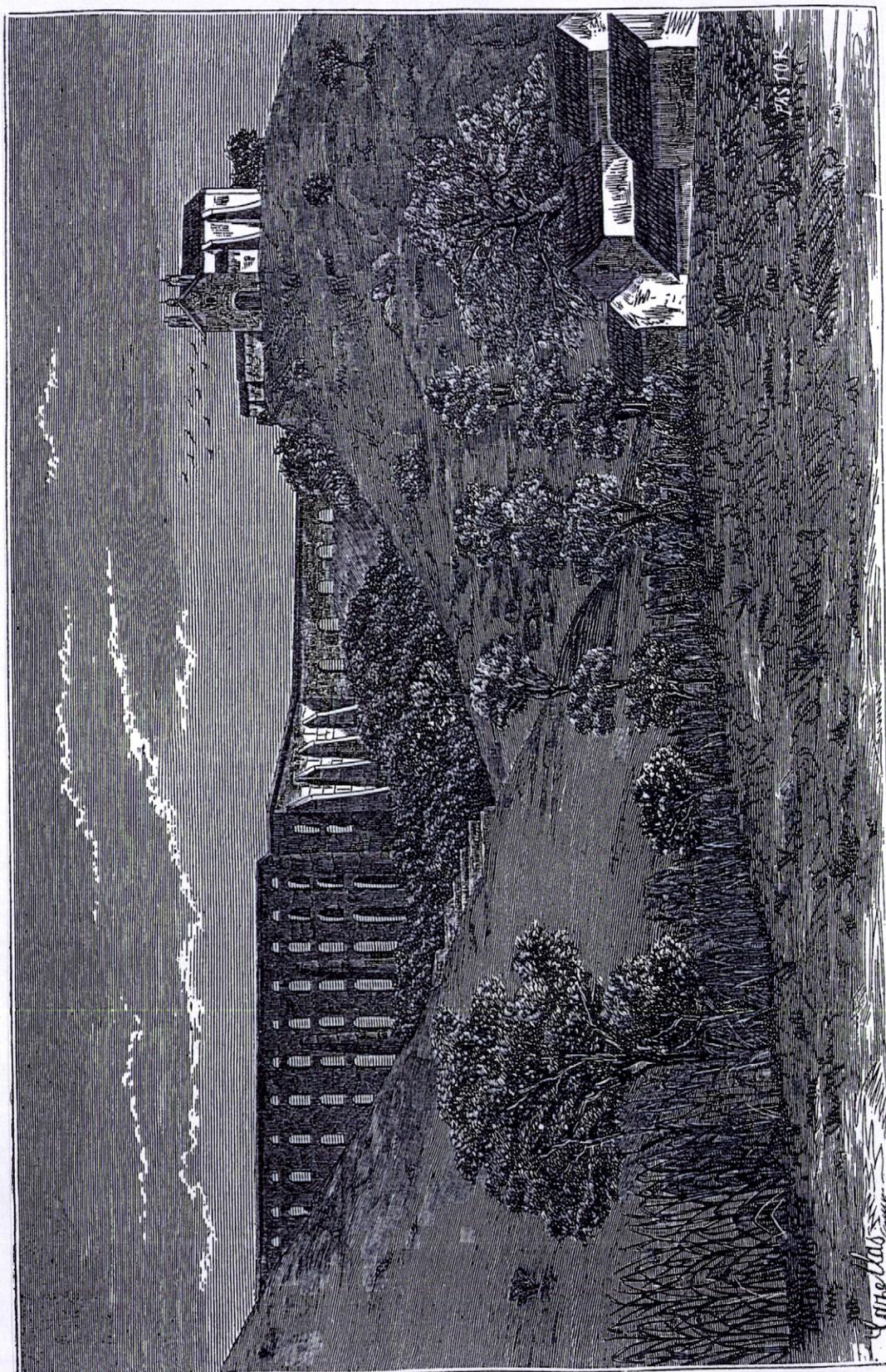


Fig. 14 – Vista de parte do aqueduto da Amoreira tirada do Vale do Cêto. 1878

Fonte: O Universo Ilustrado

Segundo Américo Costa,²¹ “Os grandes reservatórios ou cisternas da praça, feitos durante a Guerra da Restauração e concluídos em 1650, são também alimentados pelo aqueduto da Amoreira e podem conter água para abastecimento da cidade durante seis meses. A grande cisterna foi construída sob a direcção do engenheiro Nicolau de Langres.”, na cortina de muralha entre o Redente do Cascalho e o Baluarte de S. João de Deus, e é conhecida por Cisterna Militar ou Cisterna da Praça. Tem uma cobertura em “abobada à prova de bomba e capacidade para 5158 pipas”²². Segundo Eurico Gama²³ “Antes da construção do imenso depósito, o local era conhecido simplesmente por rua por baixo da Esquina” e após a sua conclusão passou a designar-se Travessa da Faceira da Cisterna.



Fig. 15 – Localização da Cisterna da Praça

21. Dicionário de Urografico de Portugal Continental e Insular, pág. 179

22. Maria do Céu Dentinho, ob. cit., pág. 49

23. À sombra do Aqueduto – Estudos Elvenses, pág. 23

“O plano da praça de Elvas incluía, além do aproveitamento de certas partes da fortaleza medieval, a construção de uma linha poligonal, inscrita numa curva fechada de cerca de 1 Km, no maior diâmetro, por 650m. no menor, e ficava dividida em 12 frentes de desigual comprimento, formadas por várias obras, todas construídas segundo o sistema abaluartado. Constava ao todo de sete baluartes, três dos quais com cavaleiros, e um meio baluarte, ligados entre si por cortinas, tendo à frente do lado exterior um profundo e largo fosso e sua estrada coberta, em todo o perímetro, em duas grandes frentes; e de variadas obras exteriores, como revelins, tenalhas, contra-guardas, etc. Distinguindo-se como notável a obra Coroa, situada sobre uma espécie de esporão, na extrema da povoação, da banda de sudeste. Tinha, além das falsas, três portas principais duplas – a da Esquina, a poente, a de Olivença, a sul, a de S. Vicente, a nascente, com pontes levadiças sobre os fossos e várias poternas.”²⁴

Fig. 16 – Localização das Portas da Fortaleza



- Portas de Esquina
- Portas de Olivença
- Portas de S. Vicente

24. Gen. João Almeida, ob. cit., pág.s 109 e 110

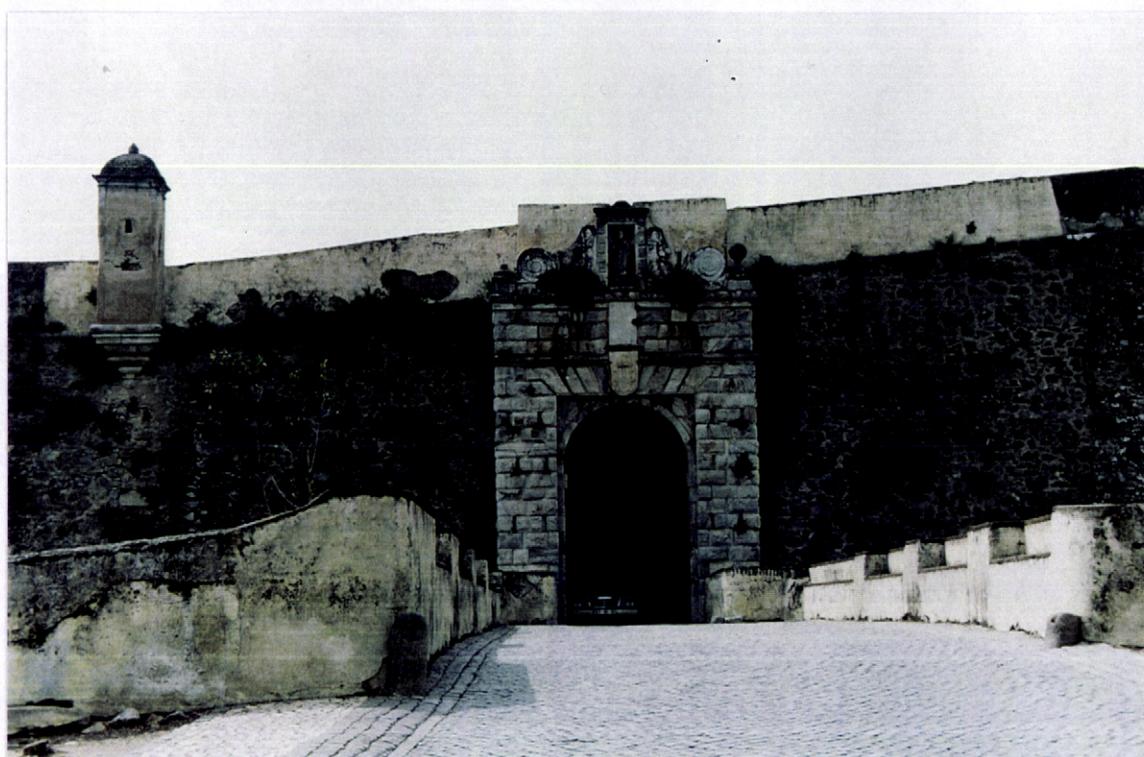
Fig. 17 e 18 – Portas de Esquina



Fig. 19 e 20 – Portas de Olivença



Fig. 21 e 22 – Portas de S. Vicente



Só entre 1705 e 1708 foram concluídas as fortificações da Praça de Elvas, incluindo os fortes de Santa Luzia, S. Francisco, S. Mamede e S. Pedro, tendo sido construído o forte da Graça apenas entre 1763 e 1792.

Entre 1949 e 1951 foi efectuada uma brecha nas Fortificações Seiscentistas consequência da necessidade de “alargamento da cidade, motivado pelo crescimento da população e pelo desenvolvimento das suas funções económicas”.²⁵ A Câmara pretendia, assim expandir a cidade para o lado da Piedade. Para fazer este estudo foi nomeada uma Comissão de Oficiais da Arma de Engenharia, após o que efectuou um relatório, do qual salientamos o seguinte: “Estabelecido que à Câmara é mais fácil conseguir o alargamento da cidade para este lado, por dois pontos diferentes da fortificação se póde ele conseguir: o primeiro, aquele que de ha mais tempo foi indicado e que ocorreu aos elvenses, seria obtido pela ligação da Avenida Garcia da Orta com a estrada municipal n.º 70, cortante ou passando as muralhas entre os baluartes da Porta de Olivença e de S. João de Deus; o segundo seguir-se-hia fazendo uma passagem para o lado do Jardim da Praça, na cortina entre o baluarte de S. João de Deus e a poterna do Jardim.

O simples exame local mostra todas as desvantagens da primeira hipótese, as quais podemos resumir dizendo que é a solução mais dispendiosa, a de menor vantagem para a ligação com o centro da cidade, a que obriga a maior desenvolvimento de ruas e avenidas para o futuro bairro, e a que mais prejudica a fortificação (...).

Resta portanto a segunda hipótese: a passagem na cortina entre o baluarte de S. João de Deus e a poterna do Jardim. É de facto nesta cortina que está a solução do problema, pois que sendo conscienciosamente escolhida a passagem reúne em maior grau todas as vantagens e possui o menor número

25. Comissão Executiva de Obras Militares Extraordinárias, Arranjo do Forte da Graça e das Muralhas da Praça de Elvas junto ao Hospital Militar – Novas Portas de Évora – relatório, pág. 1



Fig. 23 – Vista da cidade de Elvas do caminho de Badajoz. Finais do séc. XVIII
Fonte: Secção de Arqueologia. Direcção dos Serviços de Engenharia. Exército Português

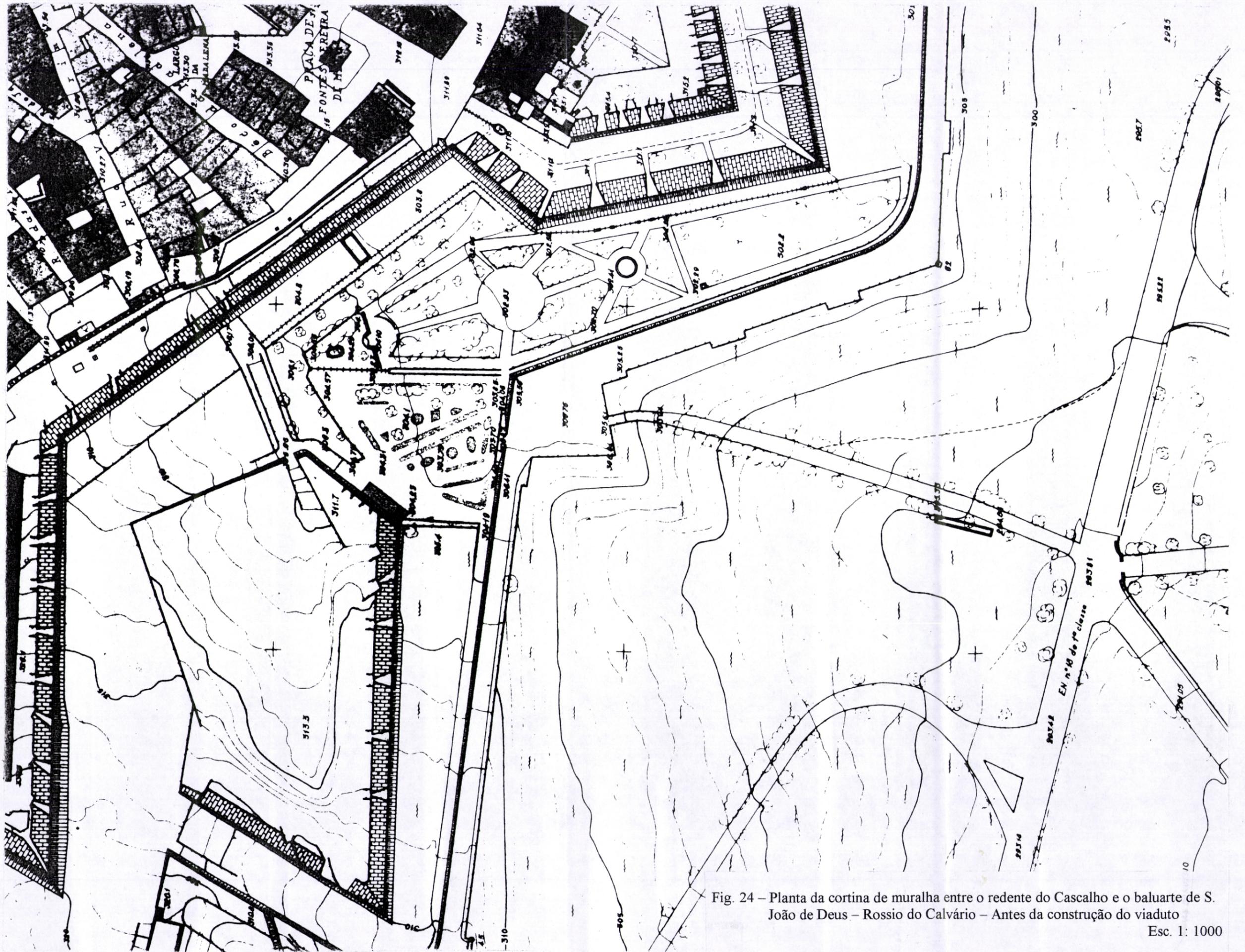


Fig. 24 – Planta da cortina de muralha entre o redente do Cascalho e o baluarte de S. João de Deus – Rossio do Calvário – Antes da construção do viaduto
Esc. 1: 1000

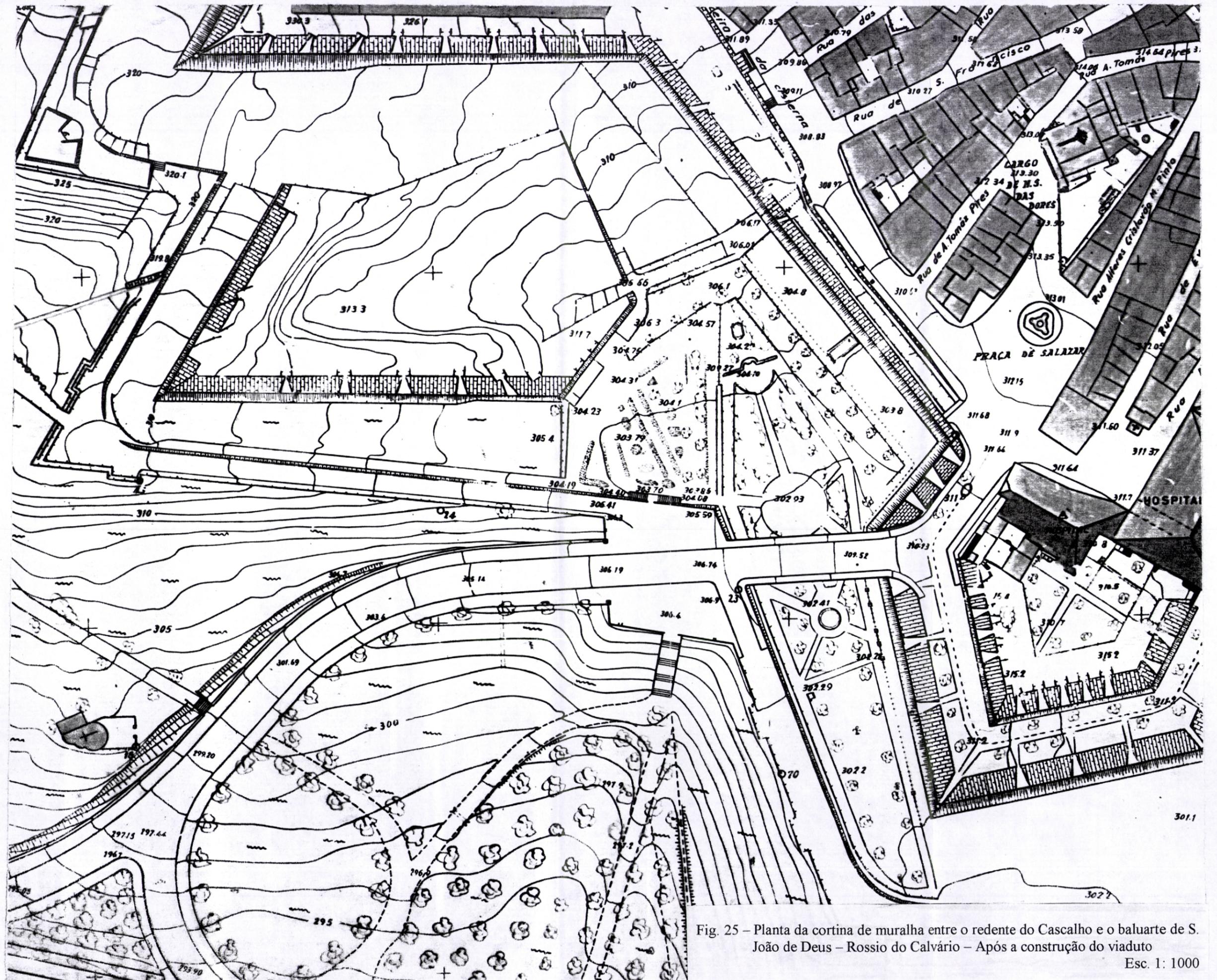


Fig. 25 – Planta da cortina de muralha entre o redente do Cascalho e o baluarte de S. João de Deus – Rossio do Calvário – Após a construção do viaduto
Esc. 1: 1000

de inconvenientes.”²⁶ Na sequência deste relatório que data de 1927 e após todos os estudos de pormenor e os desenhos necessários foi efectuada a abertura na muralha junto ao baluarte de S. João de Deus, passando o viaduto por cima do Jardim. Com esta obra foi remodelada toda a zona envolvente.

Segundo Eurico Gama²⁷ “A notável obra do Viaduto, ligando a cidade ao exterior e concretizando uma antiga aspiração dos elvenses, teve ainda a vantagem de proporcionar um interessante arranjo urbanístico – mas por ora longe do que se pode desejar – de toda a zona adjacente, desde a Fonte dos cavaleiros ao largo de São João de Deus. Assim, quando o Viaduto da Nova Porta de Évora, foi inaugurado em 18 de Julho de 1951, já se encontravam pavimentadas a cubos de granito a Rua de São Francisco (1949) e a Faceira da Cisterna (1951)(...)”.

Na zona do Trem e do Paiol de N.ª S.ª da Conceição existe um pavimento de forma rectangular, sobre o qual não existe nada escrito.

Após uma observação atenta chegamos à conclusão de que se trata de um antigo campo de jogos, construído pelos militares, na altura em que ocuparam o Quartel do Trem.

Analisando uma fotografia aérea de 1958 constatamos, ainda, não existir nada construído no local, pelo que a sua construção foi posterior a essa data.



Fig. 26 – Vista do “campo de jogos militar”, junto ao Trem

26. Ibidem, pág.s 5 e 6

27. À Sombra do Aqueduto – Estudos Elvenses, págs 24 e 25 .

Figs 27 e 28 – Vistas do “campo de jogos militar”, junto ao Trem





Fig. 29 – Vista do “campo de jogos militar”, junto ao Trem

Concluindo, poder-se-á dizer que Elvas tem quatro formas diferentes de fortificações:

- 1 – Posterior a 716 - estilo árabe – existem poucos vestígios;
- 2 – Séc. X ou XI – estilo árabe – está em grande parte intacta;
- 3 – Construção: de 1340 (reinado de D. Afonso IV) a 1369 (reinado de D. Fernando) - Muralha Fernandina – possuía onze portas.
Apresenta características medievais – muralhas altas ritmadas por torreões.
- 4 – Construção: de 1643 (reinado de D. João IV) a 1708 (reinado de D.

Pedro II) – a fortaleza à volta da cidade possuía três portas e diversas poternas. São fortificações abaluartadas, estilo Vauban – apresentam muros baixos e espessos com mērlões e canhoeiros, revelins, tenalhas, contra-guardas, poternas, etc.

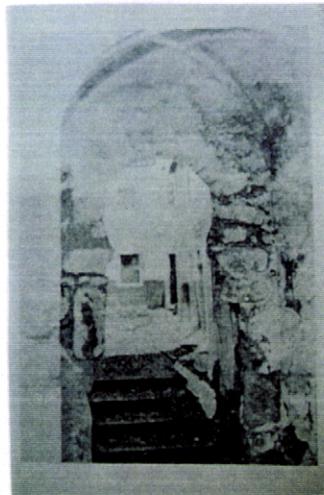


Fig. 30 – 1ª Cintura árabe. Porta da Alcáçova, antes de ser demolida



Fig. 31 – 2ª Cintura árabe. Esta está referenciada pelas torres



Fig. 32 – 3ª Cintura. Porta Fernandina (antiga Porta de Armas do Regimento)